

# Os aspectos intraescolares na sociologia da educação: uma reflexão a composição das turmas na educação básica brasileira

*The intramural aspects in the sociology of education: a reflection on class composition in Brazilian basic education*

Joana da Costa Macedo<sup>1</sup>

**Palavras-Chave:**

Composição de turmas;  
Fatores intraescolares;  
Trajetória escolar;  
Escola pública.

**Resumo:** O artigo pretende discutir as questões sociológicas em torno do tema da importância das turmas dentro das escolas públicas da educação básica no Brasil. A temática está relacionada ao tema da enturmação e os processos sociais subjacentes à formação das turmas. Enquanto objeto de análise sociológico, o elemento turma representa um fator intraescolar utilizado para o conhecimento sobre funcionamento interno das instituições escolares. Considerando o debate teórico da sociologia da educação sobre os fatores intraescolares, as pesquisas sobre a enturmação e sobre o núcleo turma no processo escolar da educação básica ainda se mostram tímidas enquanto uma “característica-chave” para o entendimento sobre as condições internas das escolas públicas. Nesse sentido, partindo das contribuições sociológicas da educação, este artigo reflete sobre a formação das turmas para as oportunidades educacionais e reconhece as turmas como um fator escolar relevante para a compreensão sobre seus possíveis efeitos no que tange às discussões sociológicas sobre trajetórias escolares, papel da escola, desigualdades educacionais e qualidade da educação. Assim, este artigo espera contribuir para o debate sociológico sobre a compreensão da escola pública no Brasil por meio de uma variável intraescolar, as turmas.

---

Recebido em 25/11/2024 e aceito em 22/06/2025.

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Departamento de Sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Em 2012 e 2013 foi pesquisadora/visitante no Center for Anthropological Research na University of Johannesburg, África do Sul. É especialista em Ensino de Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018), e Pós-Doutora (2024) em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE/UFRJ). Integra o Grupo de Pesquisa Ciências Sociais e Educação (GPCSE/UERJ). Tem experiência na Sociologia da Educação e no Ensino de Sociologia. Pesquisa temas sobre oportunidades educacionais e desigualdades escolares. <https://orcid.org/0000-0002-0821-9010>

**Keywords:**  
Class  
composition;  
Intra-school  
factors;  
School trajectory;  
Public school.

**Abstract:** *This article aims to discuss the sociological issues surrounding the importance of classes in public elementary schools in Brazil. The theme is related to the theme of grouping and the social processes underlying the formation of classes. As an object of sociological analysis, the class element represents an intra-school factor used to understand the internal functioning of school institutions. Considering the theoretical debate in the sociology of education about intra-school factors, research on grouping and the school classes formation in the school process of elementary education is still timid as a “key characteristic” for understanding the internal conditions of public schools. In this sense, based on the sociological contributions of education, this article reflects on the formation of classes for educational opportunities and recognizes classes as a relevant school factor for understanding their possible effects regarding sociological discussions about school trajectories, the role of school, educational inequalities and the quality of education. Thus, this article hopes to contribute to the sociological debate on the understanding of public schools in Brazil through an intra-school variable, school classes.*

## Introdução

Dentro do campo de estudo da sociologia da educação, as instituições escolares foram compreendidas, durante muito tempo, por meio de duas categorias de análise representadas pelas denominações sucesso e fracasso escolar. O sistema educacional foi, de um lado, captado analiticamente pelas problemáticas macrossociais, refletindo sobre como as estruturas hierárquicas das desigualdades sociais incidem diretamente sobre os destinos e trajetórias escolares de estudantes. Do outro lado, o pensamento sociológico percebe os fatores internos à escola na compreensão sobre as oportunidades educacionais. Nesse sentido, o entendimento sobre o sistema educacional envolve uma trama complexa de atores sociais e de categorias de análise que aparentemente deixa descobertas as análises sobre os processos educacionais e a qualidade da educação. No entanto, cada pesquisa apresenta uma fatia dessa trama sem, necessariamente, representar uma incompletude na reflexão sobre o sistema educacional.

O debate sociológico da educação é iniciado por um paradigma que se impõe sobre a compreensão dos sistemas de ensino como reprodutores e legitimadores das hierarquias sociais, perpetuando, com isso, relações sociais desiguais (FORQUIN, 1995; NOGUEIRA, 1990). A interpretação vigente apontava os fatores socioeconômicos das famílias como um fator definidor para explicar as diferenças de desempenho acadêmico inter e intra-escolas (COLEMAN, 2008). Assim, identificava-se um dilema social na expansão da concepção de uma educação democratizada, uma vez que, “as escolas

não conseguem superar qualquer combinação de fatores não escolares” (BROOKE; SOARES, 2008, p. 28). Com isso, as desigualdades sociais dentro do espaço escolar emergem como fatores determinantes para as trajetórias acadêmicas na instituição escolar.

Categorizado no prisma analítico reprodutivista, Pierre Bourdieu (2014) interpreta a instituição escola como sendo, supostamente, forjada com base nos valores da universalidade, mas que se transforma em uma instituição conservadora de valores estruturantes da sociedade, já que o caráter universal da educação invisibilizaria as desigualdades sociais advindas da posição social diferenciada das famílias na sociedade. O autor compreende a escola como parte constituinte dos processos de reprodução das desigualdades, posto que a trajetória de sucesso ou fracasso escolar dos jovens estudantes estaria diretamente relacionada a sua condição social, e consequentemente, ao acúmulo familiar de capital cultural.

O desenvolvimento das pesquisas sociológicas sobre educação exacerba a imposição das estruturas sociais de estratificação, aprofundando o olhar analítico sobre diversos atravessamentos sociais que influenciam a trajetória escolar. A presença de fatores demográficos, tais como, renda, cor, gênero e classe, interseccionam as avaliações formais e subjetivas de estudantes dentro dos sistemas de ensino, refletindo em alguns índices educacionais, tais como, reprovação e indisciplina (CARVALHO, 2004; SÁ EARP, 2009).

A chave analítica de interpretação “as escolas não importam” expõe os fatores socioeconômicos como elementos pilares na compreensão do sucesso ou fracasso escolar, e a escola como seu corolário. Em diálogo com essa concepção de reproduzir desigualdades sociais por meio de fatores escolares, as pesquisas sociológicas da educação reconhecem variáveis internas à escola para explicar o papel que a própria instituição escolar e seu funcionamento interno respondem às trajetórias educacionais. Nesse âmbito de discussão, a sociologia da educação deu voz aos estudos sobre eficácia escolar, os quais alcançam o nível microsocial de análise, e engloba elementos internos à escola, tais como o clima escolar, a gestão, a sala de aula, os professores, os processos interacionais elaborados nos espaços escolares, entre outros fatores, de modo a compreender esses efeitos sobre as trajetórias individuais e as oportunidades educacionais, bem como propor uma visão que supere os condicionantes sociais da estratificação.

Pesquisas acadêmicas sobre os efeitos da escola apresentam, todavia, novas dimensões analíticas com a finalidade de considerar a dinâmica interna da escola e do espaço escolar na trajetória dos estudantes. Em outras palavras, essa chave explicativa utiliza fatores internos à escola para construir uma compreensão sobre o efeito da

instituição escolar para além da perspectiva determinista que a escola desempenharia nos processos educacionais.

Dentro desse contexto, esse artigo propõe debruçar um olhar analítico sobre um dos fatores internos à escola que é a formação das turmas. A formação das turmas está relacionada, portanto, ao processo de enturmação mediado pela instituição escolar, sobretudo, por seus atores escolares, tais como, gestores escolares, pois, eles articulam toda a rotina e funcionamento dos serviços da escola. A composição de turmas pode ser, contudo, um fator de estratificação dentro das escolas. Os fatores internos à instituição escolar permitem que avancemos na compreensão sobre o papel da escola, sobre elementos que contribuem para a permanência na escola seja caracterizada por uma trajetória socialmente excludente e desigual, e consequentemente, apontar caminhos de mudança.

Este artigo possui como ordenação argumentativa, esta Introdução, seguida de uma sessão sobre as desigualdades educacionais e o debate sociológico que as orientam. Posteriormente, as sessões são dedicadas aos estudos sociológicos da educação no que tange à complexidade que é pensar o sistema educacional brasileiro, e a formação das turmas dentro da rede de ensino básico no Brasil. O artigo finaliza com algumas considerações iniciais para a continuação do debate e a formulação de uma agenda de pesquisa.

### **Sobre desigualdades educacionais: um olhar teórico**

Do ponto de vista teórico, o desenvolvimento reflexivo das desigualdades sociais e das oportunidades educacionais é fruto do avanço na compreensão sociológica sobre o papel da escola na reprodução das desigualdades. O campo da sociologia da educação foi influenciado pela escola francesa de pensamento a qual inspirou desdobramentos dessas temáticas para a compreensão das instituições escolares na realidade brasileira. Caracterizada por análises macrossociais, essa perspectiva teórica alicerça os estudos sociológicos da educação no Brasil por provocar reflexões a respeito dos efeitos sociais e estruturais mais amplos na educação no país. Pela visão conjuntural, frente a um cenário histórico de conquista de direitos civis e da expansão da concepção liberal de universalização da educação, confrontado com resultados de disparidades educacionais, mapeamentos sobre a trajetória de estudantes e das condições escolares foram realizados de modo a responder possíveis intervenções políticas sobre a promoção da igualdade de oportunidades educacionais (BROOKE; SOARES, 2008; NOGUEIRA, 1990).

Nessa compreensão analítica, alguns autores são considerados expoentes em impulsionar o debate do papel estrutural e ideológico da escola na formação cidadã.

Althusser analisava uma tradição teórica fundamentada na crença da manipulação das consciências, utilizando a noção de ideologia como chave de interpretação (SILVA, 1992). Bowles e Gintis, por sua vez, compreendia a escola como uma instituição que reproduz, de forma especular, as estruturas e as relações presentes no ambiente de trabalho, Já Baudelot e Establet destacavam a existência de currículos diferenciados voltados a grupos sociais distintos, reforçando a estratificação de classe no interior do sistema educacional (SILVA, 1992). No que tange às condições culturais, Bourdieu e Passeron introduziram a ideia do código de transmissão cultural, sustentando que apenas os jovens oriundos das classes dominantes detém vantagens comparativas no desempenho escolar, uma vez que internalizam, no contexto familiar, hábitos culturais que se articulam com a cultura escolar, resultando na ocultação das reais relações de força que está na base da imposição de uma cultura particular e dominante (SILVA, 1992). Mais contemporaneamente, Bourdieu (2014) enfrentou o desafio de explicar o papel conservador das instituições escolares por meio de um condicionante social, a saber, o capital cultural familiar. As desigualdades sociais seriam reproduzidas por intermédio das escolas, sobretudo, pela cultura escolar que seriam representativas dos valores das classes dominantes.

Esses estudos inspiraram boa parte da reflexão sobre as escolas brasileiras e sua participação na promoção da igualdade, bem como nos sentidos da universalização da educação. Além disso, o caminho acadêmico de gerar questionamentos sobre os resultados alcançados, fez emergir diálogos sobre a perspectiva macrossocial de entendimento a respeito das instituições escolares. A linha argumentativa da reprodução das desigualdades sociais pela instituição escolar, e pela influência de condicionantes estruturais no destino social dos indivíduos, não responde qual o possível papel das escolas e dos processos educacionais para o sucesso escolar e mudança social. O direcionamento sociológico que percebe a educação, no geral, e a escola, em particular, em uma escala analítica microssocial de estudos direcionados, sobretudo, à sala de aula e à dinâmica interna da escola considera, como categoria de análise, os fatores internos às instituições escolares.

No âmbito da organização e dinâmica interna das instituições escolares, as pesquisas sobre a temática eficácia escolar constituem-se como uma base teórica e metodológica relevante na reinterpretação dos estudos voltados à compreensão do funcionamento escolar. Embora parte importante de entendimento sobre os baixos níveis de desempenhos escolares, os fatores extra-escolares não dão conta de explicar, sozinhos, a variação de resultados de escolas de um mesmo sistema. As instituições escolares devem ser analisadas partindo dos resultados do processo de ensino-aprendizagem, considerando possíveis elementos intraescolares que atravessam esse processo, tais como, as



características do estabelecimento escolar, políticas educacionais e práticas internas (BROOKE; SOARES, 2008).

Nesse sentido, a categoria analítica eficácia da escola é reconhecida como um sentido explicativo dos efeitos que as dinâmicas internas às instituições escolares apresentam sobre o desempenho educacional, e conseqüentemente, sobre as oportunidades educacionais. Essas pesquisas dialogam com uma visão considerada determinística (SAMMONS, 2008), no sentido de que a escola e os elementos que a circunscrevem influenciam, igualmente, no processo de aprendizagem, não estando condicionado, necessariamente, a uma condição socioeconômica.

Uma investigação paradigmática a respeito da eficácia da escola listou onze características-chave que contribuiriam para o efeito da escola, a saber, liderança profissional, objetivos e visões compartilhados, um ambiente de aprendizagem, concentração no ensino e na aprendizagem, ensino e objetivos claros, altas expectativas, incentivo positivo, monitoramento do progresso, direitos e responsabilidades do aluno, parceria casa-escola, e uma organização orientada à aprendizagem (SAMMONS, 2008). Essas características representam alguns parâmetros para investigar como os fatores internos à escola incidiam sobre as trajetórias escolares já que “as escolas eficazes [...] parecem acrescentar valor aos resultados educacionais desses alunos” (SAMMONS, 2008, p. 335).

Se os estudos sobre a eficácia escolar apresentaram elementos sobre o papel da escola nas oportunidades educacionais, o desenvolvimento das pesquisas qualitativas sobre os aspectos internos da escola nos conduzem a pensar outras influências sobre as trajetórias escolares. O avanço das pesquisas sobre os elementos internos ao funcionamento da escola detalha dinâmicas de práticas e de organizações internas que nos permitem aprofundar a compreensão do papel da instituição escolar em relação às oportunidades educacionais e às desigualdades sociais.

Complementando as pesquisas sobre os fatores internos à escola, a perspectiva analítica sobre o clima escolar ganha contornos próprios para pensar a escola enquanto papel que vai além do conhecimento acadêmico, e pode ser um fator crucial para reduzir problemas de comportamento e evasão escolar (WANG; DEGOL, 2016). Reconhecendo seu caráter multidimensional, a categoria de análise clima escolar combina, portanto, as dimensões da estrutura escolar com a variável comportamental, envolvidos nas relações sociais e escolares (BRUNET, 1992). Entre os elementos reconhecidos como parte da compreensão do clima escolar para as oportunidades educacionais, está o fator referente à aprendizagem cívica é inserido como uma chave interpretativa de análise (COHEN, 2006; THAPA *et al.*, 2013; MORO *et al.*, 2018).

No âmbito dos estudos sociológicos sobre eficácia da escola e de clima escolar,

os gestores escolares emergem como agentes sociais centrais, cuja atuação sobre os fatores intraescolares contribui para a consolidação de uma percepção positiva e, por vezes, idealizada, da instituição escolar. Os diretores escolares possuem um papel de liderança dentro das escolas que a eles é facultado poderes decisórios sobre como conduzir a instituição escolar. O papel dos diretores de escola é uma das características-chaves para entender as relações intra-escolares que se estabelece na comunidade escolar e que interfere no clima escolar (SAMMONS, 2008; MAXWEL *et al.*, 2017; DONOSO-DÍAZ; BENVIDES-MORENO, 2018; LIU; BELLIBAS, 2018) e na qualidade da educação (PRADO, 2009; GÓIS, 2020). O papel dos gestores escolares para a compreensão da dinâmica interna às escolas, e por tabela, da qualidade da educação apresenta-se premente, pois, eles são um ator-chave na condução e na adequação de políticas públicas de educação dentro do espaço escolar.

A atuação do gestor escolar exerce papel fundamental em um dos fatores internos da dinâmica institucional: o processo de enturmação, isto é, a constituição e a organização das turmas no ambiente escolar. Para compreender essa dimensão, torna-se necessário, primeiramente, refletir sobre a importância da figura, e do papel de liderança, do gestor escolar no contexto educacional.

### **Estudo sociológico sobre a escola: um olhar sobre os agentes**

No contexto da gestão escolar, o papel do diretor, especialmente, assume uma função estratégica na mediação que diversos fatores que influenciam diretamente no funcionamento interno da instituição escolar. A atuação do gestor escolar revela-se, nesse sentido, como fundamental, uma vez que suas decisões impactam, justamente, a organização do trabalho docente, a estruturação administrativa, o planejamento pedagógico, as condições de ensino-aprendizagem, entre outros. Portanto, o gestor escolar não cumpre, individualmente, uma função administrativa, pois, seu papel social enquanto gestor de uma instituição escolar exacerba os contornos técnico-administrativos, que implica seu cargo em qualquer unidade de ensino, e adentra em fatores pedagógicos.

O gestor escolar, que para os propósitos dessa reflexão é representado simbolicamente pelo diretor escolar, exerce um cargo comissionado dentro da administração escolar. Seu papel envolve atribuições de natureza política, da mesma forma que exerce uma função de natureza representativa. O diretor escolar é um representante do Estado, do mesmo modo que o é da comunidade escolar (LIMA, 2018). Nesse sentido primordial, o diretor escolar tem uma responsabilização educacional para com a comunidade escolar composta também por alunos e professores. Por essa lógica, é premente considerar o papel executado pelo diretor escolar, uma vez que este impacta

diretamente nas trajetórias escolares de estudantes, bem como, no clima escolar da instituição. O processo de enturmação, objeto de análise deste artigo, é parte integrante da atuação da gestão escolar dentro do espaço escolar.

Dentro dessa perspectiva de análise, os gestores escolares estão inseridos em um contexto maior de discussão sobre a gestão democrática. Por meio da reforma educacional promovida ao longo da década de 1990, o caráter de gestão escolar foi redefinido, bem como foi valorizado o papel do gestor escolar para a melhoria dos resultados educacionais. Em 2009, o governo federal do Brasil lançou o Programa Nacional Escola de Gestores da Educação Básica no sentido de qualificar os gestores e contribuir para a melhoria dos indicadores educacionais do ensino básico. O objetivo geral deste Programa era a melhoria na qualidade da educação básica e a promoção de um tipo de gestão decisivamente democrática e participativa com vistas à inclusão social e ao desenvolvimento humano.

Nesse contexto argumentativo, os diretores escolares têm uma função crucial para o avanço da gestão democrática e o aprimoramento dos índices educacionais. A literatura especializada atenta para o fato de que a liderança do diretor escolar influi no ambiente escolar a favor da aprendizagem dos alunos e promove um trabalho pedagógico mais eficaz (OLIVEIRA; CARVALHO, 2018), especialmente, pela sua atuação na dimensão pedagógica (POLOM; BONANINO, s/a), dentro da qual a composição de turmas se insere.

Para além de entender o papel dos diretores escolares na aprendizagem, e consequentemente, no impacto positivo que isso incide sobre os resultados e os índices educacionais nas avaliações de larga escala, é relevante analisar o papel dos diretores escolares no interior de dinâmicas escolares específicas e práticas educacionais relacionadas à organização da instituição escolar.

Cumpre-se ressaltar que o sucesso e o fracasso escolar de estudantes estão relacionados a sua trajetória dentro da escola a qual é mediada por alguns fatores, tais como atraso escolar e casos de repetência, evasão escolar, necessidade de ingresso no mercado de trabalho, gravidez na adolescência, entre outros fatores. No entanto, alguns elementos relacionados às questões internacionais podem, igualmente, serem incluídos como parte analítica para pensar suas trajetórias.

### **Fatores internos à escola: um olhar sobre um processo**

Considerando os fatores intraescolares como importantes categorias para compreender o papel da escola nas trajetórias educacionais, essa parte do artigo propõe apresentar as principais problemáticas do debate de um desses elementos, a saber, o processo de enturmação. O caminho analítico percorrido para a compreensão sobre



como as turmas são formadas dentro das instituições escolares, bem como os sentidos sociológicos atribuídos à enturmação, permite que seja desvelada mais uma casca de cebola (GOMES, 2005, 2020) na trama complexa que é a construção do pensamento sociológico sobre os processos educacionais.

O entendimento sobre o processo de enturmação vem acompanhado pela reflexão sobre a atuação da gestão escolar na organização das turmas. Acreditando no papel das lideranças escolares nas escolas da educação básica, representados pelos diretores escolares, a formação de turmas deve ser compreendida dentro de uma dinâmica interna da própria instituição escolar. A composição de turmas é, portanto, um funcionamento escolar que incide sobre a coordenação e ordenação de estudantes dentro do espaço escolar.

A organização escolar de estudantes por meio da formação das turmas é um procedimento que se inicia com a confirmação da matrícula nas unidades escolares, uma vez que ela representa o primeiro passo no ingresso em uma instituição escolar. Considerando os diferentes níveis de ensino da educação básica, as turmas podem ser configuradas de forma flexível seguindo variados critérios de organização. A forma como as turmas são agrupadas indicam como a gestão escolar de uma unidade de ensino orienta a própria escola, e conseqüentemente, indica o tipo de planejamento pedagógico que será adotado. A organização das turmas aponta, contudo, os processos de ensino-aprendizagem seguidos pela comunidade escolar. A Lei nº 9394 de 1996 que define as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) respalda os tipos de organização de turma, em seu Artigo 23, nos seguintes indicativos:

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar (LDB, Lei 9.394, 1996).

Nesse sentido, a forma como as turmas são estruturadas atravessa critérios de organizativos relacionados às orientações pedagógicas das unidades escolares. A trajetória escolar pensada por meio da formação turmas indica o percurso escolar que estudantes trilham dentro da instituição e dos espaços escolares, bem como as oportunidades educacionais que sobre eles incidem.

De um aspecto mais geral, a enturmação depende de todo um aparato burocrático para se consolidar, que vai desde a inscrição da matrícula via sistema informatizado, passando pela confirmação de matrícula na unidade escolar até chegar na efetiva enturmação. Na discussão sociológica, importa considerar que o processo de formação

de turmas na educação básica não é um processo neutro, como também não é uma questão limitada à ação de apenas um ator social específico dentro da estrutura do sistema escolar. Esse percurso envolve a equipe diretiva com os diretores escolares e secretariado, como também as famílias. No entanto, os gestores escolares são os que lidam mais diretamente com esse elemento interno de organização escolar. Diante disso, a compreensão sobre a formação das turmas implica em entender a atuação dos diretores escolares nesse processo de enturmação, uma vez que os critérios para a organização das turmas diferenciam a organização escolar em termos pedagógicos e de gestão, e indica, sobretudo, processos seletivos e hierárquicos sobre o corpo discente dentro das estruturas escolares. De acordo com Bernardo (2013):

[...](re)agrupar os alunos não é um ato neutro na divisão das turmas segundo os resultados escolares, outros fatores como a origem socioeconômica, cultural e étnica também fazem parte dos critérios de alocação dos alunos. Para os autores, o agrupamento segundo os níveis de desempenho instaura uma hierarquia de status, que estão correlacionados com os fatores sociodemográficos que reforçam a diferenciação de status que são originadas fora da escola. (BERNARDO, 2013, p.174).

Assim, a maneira pela qual as turmas são organizadas dentro dos sistemas de ensino sugerem que as turmas, enquanto categoria de análise, inseridas no espoco de criterização organizativa, podem ser compreendidas como um canal de estratificação interno às instituições escolares (ALVES; SOARES, 2007; BERNARDO, 2013; SILVA, 2018). Confirme argumentado, a formulação de critérios para organizar as turmas influencia o processo de ensino-aprendizagem, as práticas de gestão, por vezes, a alocação dos docentes nas turmas, os efeitos entre pares, entre outros fatores. Por isso, a formação de turmas na educação básica não é um processo isento de conflitos, tensões ou disputas dentro das unidades escolares.

O estudo sociológico sobre as turmas enquanto objeto analítico, e a forma como elas são organizadas, contribui para uma compreensão mais aprofundada sobre o funcionamento interno das instituições educacionais, sobretudo, para o entendimento sobre os diferentes percursos escolares seguidos pelo quadro discente dentro de uma das unidades de educação básica, uma vez que “o indivíduo pertence a uma turma, ela mesma alojada dentro de uma escola” (VAN ZANTEN, 2011, p. 280). As turmas são um núcleo escolar nas quais são elaborados os mais variados processos interacionais, já que os estudantes permanecem grande parte do seu tempo escolar dispostos no formato de turma, e dentro da qual se estabelece um controle social sobre os corpos estudantis e os procedimentos escolares.

No âmbito da compreensão sobre a formação de turmas é relevante considerar os possíveis efeitos para as trajetórias individuais. Do ponto de vista subjetivo, o ambiente escolar proporciona aos estudantes a vivência sobre suas identidades culturais, ainda em processo de definição, bem como, possibilita que as expressões juvenis sejam articuladas em meio a um conjunto de expectativas, decisões e opiniões que atravessam a experiência escolar. De forma complementar, na etapa de escolarização, jovens estudantes encaram desafios pessoais e obstáculos estruturais, como também, defrontam-se com decisões pessoais, sendo instados a pensar no próprio futuro, tais como, o ingresso no mercado de trabalho, escolhas concernentes ao estabelecimento escolar quando fazem a passagem de níveis de ensino, ou mesmo decisões sobre o vestibular no caso dos anos finais do ciclo básico. A experiência escolar costuma ser permeada por um leque de expectativas sobre a instituição escolar e as próprias escolhas, ao mesmo tempo em que essa vivência escolar é atravessada pelo peso social das estruturas sociais hierárquicas dos contextos socioeconômicos sob os quais estão inseridos (LEÃO *et al.*, 2011). A enturmação permite que parte dessas trajetórias sejam intermediadas pela experiência nas turmas nas quais estudantes estão alocados.

As trajetórias escolares e o processo de formação de turmas se entrecruzam nos momentos de mudança de nível de ensino. A passagem do ensino fundamental para o ensino médio, por exemplo, compreende uma condição relevante no percurso escolar de estudantes tendo em vista a expectativa social que a escolarização é compreendida para ascensão social, sobretudo, pela simbologia da obtenção do diploma. A etapa final da educação básica é interpretada como um dos períodos da educação que mais apresenta gargalos no que diz respeito ao acesso, permanência e conclusão do nível de ensino (CASTRO; TAVARES JR., 2016). Muitos estudantes que chegam ao ensino médio são considerados sobreviventes do sistema de ensino público em razão de terem sofrido falhas no processo de aprendizagem e deficiências na alfabetização (CASTRO; TAVARES JR., 2016).

O término do ensino fundamental, e o consequente ingresso no ensino médio, configura, para muitas famílias de contextos sociais desfavoráveis, um projeto de “longevidade escolar”, na medida em que a última etapa do ciclo básico de escolarização pode representar já uma mobilidade escolar em comparação com o nível de escolaridade dos pais (OLIVEIRA; NOGUEIRA, 2019). O ensino fundamental e o ensino médio públicos são administrados por entes federativos diferentes, e isso significa que transição de níveis de ensino implica, necessariamente, a saída de uma instituição escolar municipal para o ingresso em uma escola de jurisdição estadual. Essa transição é caracterizada por uma mudança de instituição escolar, por outras formas de estar na escola e de ser estudante da educação básica, sobretudo, por outro processo de

enturmação.

Dentro desse contexto, ao longo de todo percurso educacional básico, o corpo escolar de discentes está configurado nos núcleos de turmas para os quais foi designado. A formação de turma é compreendida por meio de variáveis analíticas na tentativa expor os efeitos das instituições escolares evidenciados no desempenho acadêmico. As pesquisas sobre formação de turmas abordam perspectivas analíticas diferenciadas para desenvolver o impacto das turmas no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse aspecto, alguns estudos sobre as turmas debruçam-se sobre os tipos de agrupamentos de turma por meio da dimensão habilidade (IRESON; HALLAN, 2001; ALVES; SOARES, 2007). A ideia é compreender um efeito-escola sobre a vida acadêmica de estudantes. O processo de enturmação também é percebido como uma possibilidade de estudos sobre a sala de aula e clima escolar. Nesse aspecto, Dayrell (s/a) associa o processo de enturmação à organização da sala de aula, no sentido de utilizar a formação de turmas para interferir na formação de agrupamentos e privilegiar o bom comportamento. De forma complementar, alguns trabalhos indicam a formação de turma como um instrumento de controle sobre casos de violência dentro dos espaços escolares (ARROYO, 2007). Tendo por motivação evitar casos de violência, a pesquisa sobre formação de turma associa a organização desse núcleo escolar a formas heterogêneas de organização de estudantes. Em outras palavras, turmas formadas por estudantes diversos em termos comportamentais são oportunidades para mitigar tendências violentas.

Ainda em relação aos estudos sobre o componente escolar turma, pesquisas sociológicas sobre a formação de turmas privilegiam o número de estudantes matriculados nas turmas com a finalidade de compreender o efeito que o tamanho da turma tem no resultado escolar, bem como no desempenho acadêmico dos estudantes (DUSO; SUDBRACK, 2009; CORREIA; PIMENTEL, 2011; CAMARGO, 2012; CHRISTOFE *et al.*, 2015; OLIVEIRA *et al.*, 2017).

A organização das turmas toma outro caminho analítico quando do entendimento sobre o tipo de turma a ser formada dentro da instituição escolar. Sendo as turmas organizadas pelo seu caráter homogêneo ou heterogêneo indica como a escola orienta pedagogicamente o processo de ensino-aprendizagem, o trabalho docente, e os processos classificatórios e criterizadores que perpassam a enturmação. Sobre a organização das turmas em homogêneas ou heterogêneas em relação ao desempenho acadêmico implica em algumas questões de configuração descritas abaixo:

Sabe-se ainda que outro efeito correlato, mais denso politicamente, advém do fato de que as turmas cuja 'homogeneidade' é serem constituídas por alunos com menor aproveitamento acabam, contraditoriamente, recebendo menos

atenção e esforços de trabalho pedagógico e, às vezes, são “empurradas” a um professor que ficou em último lugar na escolha de turmas ou que recém-ingressou na escola. E nessas turmas as diferenças entre os alunos tendem, no mínimo, a se manter, mantendo também a diferença em relação a outras turmas e consolidando um processo de exclusão ou restrição no acesso ao conhecimento que se agrava com o passar do tempo. (BERNARDO, 2013, p. 171)

O trecho destacado acima chama atenção para a produção de desigualdades nos espaços escolares por meio da organização de turmas, uma vez que os critérios que perpassam a forma como as turmas são constituídas implicam em decisões pedagógicas, como a seleção de docentes, podem levar a diferenças nas oportunidades educacionais dentro da escola. Os processos classificatórios para criterizar as formações de turmas atravessam, portanto, dinâmicas internas de produção das desigualdades escolares. Seguindo a compreensão sociológica sobre a importância da instituição escolar, algumas pesquisas sobre o processo de enturmação concentram suas análises no desempenho escolar e, por isso, aproximam-se dos estudos sobre eficácia da escola, especialmente, sobre o efeito que a escola exerce no aprimoramento dos rendimentos escolares. É nesse sentido que a discussão sobre a formação de turmas caracterizadas como homogêneas ou heterogêneas se insere (CORTESÃO, 1999; BERNARDO, 2013; SILVA 2018; CRUZ *et al.*, 2021).

As turmas são, portanto, um objeto analítico relevante para compreender as trajetórias escolares e as oportunidades educacionais. Dentro das escolas, as primeiras interações interpessoais, no que tange a vida escolar, acontecem, inicialmente, por meio do núcleo da turma, ou seja, dos colegas de turma com os quais grande parte do tempo escolar será experienciado e as identidades serão elaboradas. No interior das turmas, há a formação de grupos de colegas e a influência que esses grupos exercem no aproveitamento acadêmico, além de servirem de suporte emocional (CORTESÃO, 1999; GOMES, 2015). Nas turmas, de igual modo, é possível identificar casos de *bullying* ou outras violências, e combatê-las.

Os estudos sobre o processo de enturmação se direcionam para a categoria de análise das elaborações internacionais que são estabelecidas entre os indivíduos que circulam pelos espaços escolares. Assim, “as pesquisas apontam que mais importante que os recursos escolares, são as dimensões interativas do processo ensino-aprendizagem” (BERNARDO, 2013, pg. 175), sendo a turma uma influência mais importante para os estudantes menos desfavorecidos. Costa e Koslinski (2008) identificaram diferenças de nível socioeconômico diferenciado entre as turmas em escolas do ensino fundamental. Nesse sentido, as interações entre os grupos de colegas e os pares im-



portam para o processo de ensino-aprendizagem, e adicionalmente, para as trajetórias escolares.

Sendo assim, a formação de turma pode ser considerada um objeto de análise sobre o funcionamento interno das instituições escolares de modo a desvelar casos da estratificação social que influenciam nas trajetórias individuais e nas oportunidades educacionais. A organização da turma “afeta aprendizagem, clima escolar, expectativa do professor, qualidade do currículo, prática pedagógica” (BERNARDO, 2013, p.163).

### **Considerações Iniciais**

Sendo assim, este artigo contribui para a reflexão sobre aspectos intra-escolares que afetam as trajetórias escolares dos estudantes da educação básica. Dialogando com a perspectiva sociológica da educação sobre os elementos internos e externos às instituições escolares que reproduzem desigualdades e/ou influenciam na dinâmica do processo de ensino-aprendizagem, o olhar analítico sobre as turmas permite investigar uma dinâmica interna ao funcionamento da escola. A literatura mobilizada ensina que a formação das turmas dentro das instituições escolares não é um processo neutro ou isento de disputas, e que representa processos de escolhas decisórias da gestão sobre a organização da instituição escolar e outros processos interno. A composição das turmas se caracteriza por ser uma categoria analítica relevante para o estudo da produção de desigualdades internas por meio de critérios que estratificam os estudantes pelas turmas.

Inserida em um arcabouço teórico sobre efeitos da escola e gestão escolar, este artigo propôs uma reflexão sobre o processo de enturmação e a ação social de um dos atores sociais presente no espaço escolar, os diretores dos sistemas de ensino, de modo a perceber sua influência nas oportunidades educacionais e no impacto sobre as trajetórias tendo em vista a construção de um sistema de educação básica mais eficaz, democrático, justo e inclusivo.

A discussão proposta neste artigo inclui as turmas, e a formação das turmas, como um fator intra-escolar para o entendimento sobre as dinâmicas internas de organização das instituições escolares. O debate não tem a pretensão de se esgotar nesse artigo. Pelo contrário, o artigo foi o início do debate sobre as principais questões concernentes à formação de turmas na educação básica, o processo de enturmação, e conseqüentemente, as oportunidades educacionais e as desigualdades escolares. Para uma agenda de pesquisa futura, urge investigações mais detalhadas sobre o efeito das turmas nas trajetórias escolares, bem como, recursos metodológicos multidimensionais que consigam captar a complexidade do objeto analítico em questão.

**Bibliografia de referência**

- ALVES, M. T. G.; SOARES, J. F. Efeito-escola e estratificação escolar: o impacto da composição de turmas por nível de habilidade dos alunos. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 45. p. 25-58. jun. 2007.
- ARROYO, M. G. Quando a violência infanto-juvenil indaga a pedagogia. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 787-807. out. 2007
- BERNARDO, E. da S. Organização de turmas: uma prática de gestão escolar em busca de uma escola eficaz. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, vol. 10, nº. 21, 2013.
- BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A; CATANI, A. *Escritos de educação*, Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Ministério da Educação, Brasília, DF, 1996.
- BROOKE, N. e SOARES, J. F. Pesquisa em Eficácia Escolar: origem e trajetórias. Belo Horizonte: UFMG, 2008
- BRUNET, L. Clima de trabalho e eficácia da escola. In: NÓVOA, A. (Org.) *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Dom Quixote, 1992
- CAMARGO, J. O efeito do tamanho da turma sobre o desempenho escolar: uma avaliação do impacto da “enturmação” no ensino fundamental do Rio grande do Sul. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio grande do Sul. Porto Alegre, 2012.
- CARVALHO, M. P. de. O fracasso escolar de meninas e meninos: articulações entre gênero e cor/raça. *Cadernos Pagu*, vol. 22, p. 247 – 290, 2004.
- CASTRO, V. G.; TAVARES JR., F. Jovens em Contextos Sociais Desfavoráveis e Sucesso Escolar no Ensino Médio. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol. 41, nº 1, p. 239-258, 2016.
- CHRISTOPHE, M.; ARAÚJO, J. B.; OLIVEIRA, M. M. Tamanho da turma. In ELACQUA, G. *Educação baseada em evidências: como saber o que funciona em educação*. Brasília: Instituto Alfa e Beto, 2015.
- COHEN, J. Social, emotional, ethical, and academic education: Creating a climate of learning, participation in democracy, and well-being. *Harvard Educational Review*, 76, p. 201-237, 2006.
- COLEMAN, James. Desempenho nas escolas públicas. In: Brooke, N.; SOARES, J. F. *Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetória*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- COSTA, M da C.; KOSLINSKI, M. Prestígio escolar e composição de turmas – explorando a hierarquia em redes escolares. *Estudos em Avaliação Educacional*, vol.

- 19, nº 40, p. 305 – 330, 2008.
- CORREA, F. C.; PIMENTEL, E. P. Mineração de dados na formação de turmas para recuperação paralela na educação básica. Anais do XXII SBIE – XVII WIE. Aracaju, 21 a 25 de novembro de 2011.
- CORTESÃO, Luiza. *O arco-íris na sala de aula? Processos de organização de turmas: Reflexões críticas*. Coleção: Cadernos de Organização e Gestão Curricular. Editora: Instituto de Inovação Educacional, 1999.
- CRUZ, T. M.; XAVIER, F. P.; OLIVEIRA, V. C. de. Desigualdades no interior das escolas: uma análise da composição social das turmas. *Regae: Revista Gestão e Avaliação da Educação*, Santa Maria, vol. 10, nº 19, e65270, p. 1-19, 2021.
- DAYRELL, J. T. A escola como espaço socio-cultural. In DAYRELL, J. T (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- DONOSO -DÍAZ, S.; BENAVIDES-MORENO, N. Prácticas de gestión de los equipos directivos de escuelas públicas chilenas. *Revista Brasileira de Educação*. vol. 23, e230013, 2018.
- DUSO, A. P.; SUDBRACK, E. M. Política educacional: para além da racionalidade econômica – questionando a enturmação. *Revista de Ciências Humanas*, vol. 10, nº 15, 2009.
- FORQUIN, J. C. Sociologia das desigualdades de acesso à educação. In: FORQUIN, J. C. (Org.). *Sociologia da educação: dez anos de pesquisas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.
- GÓIS, Antônio. *Líderes na escola: o que fazem bons diretores e diretoras, e como os melhores sistemas educacionais do mundo os selecionam, formam e apoiam*. São Paulo:Moderna, 2020.
- GOMES, C. A. Escola de qualidade para todos revisitada: desfolhando as camadas da cebola. *Ensaio: avaliação em políticas públicas em educação*, Rio de Janeiro, v.28, n.109, p. 843-862, out./dez. 2020.
- GOMES, C. A. A escola de qualidade para todos: abrindo as camadas da cebola. *Ensaio: avaliação em políticas públicas em educação*, Rio de Janeiro, v.13, n.48, p. 281-306, out./dez. 2005.
- GOMES, C. A.; VASCONCELOS, I. C. O. de; LIMA, D. A. Grupos de colegas: dinâmicas subestimadas na escolarização. *Interacções*, nº 38, p. 102 – 126, 2015.
- IRESO J.; HALLAM S. *Ability Grouping in Education*. London: Paul Chapman Publishing, 2001.
- LEÃO, G.; DAYRELL, J. T.; REIS, J. B. dos R. Juventude, projetos de vida e ensino médio. *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 32, nº 117, p. 1067-1084, 2011.
- LIMA, N. da C. M. Diretores escolares: burocratas de nível de rua ou médioescalão?.

- Revista Contemporânea de Educação*, vol. 14, nº. 31, 2018.
- LIU, Y.; BELLIBAS, M. S. School factors that are related to school principals' job satisfaction and organizational commitment. *International Journal of Educational Research*, 90, p. 1–19, 2018.
- MAXWELL, S.; RAYNOLDS, K. J.; LEE, E.; BROMHEAD, D. The Impact of School: Multilevel Modeling with Student and Teacher Data. *Frontiers in Psychology*, vol.18, p. 1 – 21, 2017.
- MORO, A. A construção e as evidências de validade de instrumentos de medida para avaliar o clima escolar. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2018.
- NOGUEIRA, M. A. A Sociologia da Educação no final dos anos 60/início dos anos 70: o nascimento do paradigma da reprodução. *Em Aberto*, Brasília, ano 9, nº 46, p.49-58, 1990.
- OLIVEIRA, A. C. P. de; CARVALHO, Cintia Paes de. Gestão escolar, liderança do diretor e resultados educacionais. *Revista Brasileira de Educação*, vol. 3, e230015, 2018.
- OLIVEIRA, G. R.; LIMA, A. F. R.; JUNIOR, S. B. F.; ROSA, T. M.. Avaliação de eficiência das escolas públicas de ensino médio em Goiás: uma análise dos estágios. *Economia Aplicada*, vol. 21, nº 2, p. 163-181, 2017.
- PRADO, A. P. do. Os diretores e a cultura de gestão. Um estudo nas escolas públicas do Rio de Janeiro. *Revista Contemporânea de Educação*, v. 4, p. 332-350, 2009.
- POLOM; T. L. P.; BONAMINO, M. A. C. de. Identificação dos perfis de liderança e características relacionadas à gestão pedagógica em escolas eficazes. Trabalho apresentado na Associação Nacional de Políticas e Administração da Educação,s/a.
- SAMMONS, P. As características-chave das escolas eficazes. In: BROOKE, Nigel; SOARES, J. F. *Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetória*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2008.
- SÁ EARP, M. de L. A cultura da repetência em escolas cariocas. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, vol.17, nº 65, p.613-632, 2009.
- SILVA, Sidiellen Batista da. O papel da gestão na enturmação: um estudo de caso no CAP da UFRJ. Monografia de Graduação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018. SILVA, Tomaz. Tadeu da. *O que produz e reproduz na educação*. Porto alegre. Artes médicas, 1992.
- THAPA, A.; Cohen, J.; Guffey, S; HIGGINS-D`ALESSANDRO, A. A Review of School Climate Research. *Review of Educational Research*, vol. 83, nº 3, p. 357–385, 2013.
- VAN ZANTEN, A. *Dicionário de Educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes,

2011.

WANG; M.T.; DEGOL, J. L. School Climate: a Review of the Construct, Measurement, and Impact on Student Outcomes. *Educational Psychology Review*, vol. 28, p. 315–352, 2016.